

O ESTRUTURAL E O CIRCUNSTANCIAL: UM TRIBUTO A FERNANDO CARLOS FONSECA SALGADO

THE STRUCTURAL AND THE CIRCUMSTANTIAL: A TRIBUTE TO FERNANDO FONSECA CARLOS SALGADO

Maria Encarnação Beltrão Sposito¹

Estamos reunidos para festejar os 50 anos dessa instituição.

As festas são momentos em que comemoramos os caminhos percorridos, mas podem ser também boas oportunidades para se fazer avaliações e prestar tributos aos que, com maior evidência, desenham os caminhos das instituições.

O que são as instituições? Que papel ocupam no mundo contemporâneo?

São organizações, tanto quanto mecanismos sociais que controlam o funcionamento da sociedade e dos indivíduos, bem como resultam de interesses sociais.

Ocupam um lugar central. São referência para a construção das identidades pessoais e de grupos.

Refletem a tendência instaurada desde o começo da Modernidade de se compreender e viver o mundo, com menor peso das permanências, com menor presença de forças constrangedoras e de controle, como a Igreja e a família o exerceram com mais intensidade nos tempos pré-modernos.

Dado o caráter estrutural que ganham e o movimento que inscrevem na história, estariam elas, as instituições, em oposição ou em contraponto aos indivíduos, mas pergunto: o que seriam as instituições sem os indivíduos? Que movimento inscreveriam não fossem alguns entre esses indivíduos?

Não todos, nem tampouco apenas um deles, mas com certeza alguns têm papéis mais importantes que outros.

Sem dúvida, um conjunto de circunstâncias sempre favorece ou não a atuação dos indivíduos em suas relações com o tempo e o espaço em que eles se inserem, no que se incluem as instituições às quais se vinculam.

Se aceitarmos essa tese, há sempre o macro, ou o seja o estrutural determinando a história e seu movimento, portanto influenciando no aparecimento e no percurso das instituições. No entanto, elas só se realizam por meio do micro, do circunstancial, no que se incluem os indivíduos.

Falemos do estrutural e do circunstancial que nos possibilitam esta festa hoje e a homenagem que prestamos ao Prof. Fernando.

Quando o Coronel Goulart, em 1917, decidiu fundar um núcleo urbano em frente à futura estação ferroviária da Sorocabana, projetada para cruzar suas terras, essa decisão já se inscrevia no âmbito de uma nova formação socioespacial que se constituía no Brasil.

Não se tratava mais de uma economia regional, elementar e baseada apenas na monocultura, cuja produção era demandada pelo mercado externo, pois

¹ Professora Doutora do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP de Presidente Prudente. E-mail: mebsposito@gmail.com

embora o café tivesse esse destino, para que ele fosse produzido e exportado, um complexo se conformava, o que incluía a própria ferrovia, a rede de cidades que a ela se associava, os bancos, as companhias de eletricidade, as casas comerciais de exportação e importação, o comércio varejista e o atacadista, as unidades de transformação industrial e uma infinidade de outras iniciativas que anunciavam as condições favoráveis à passagem do Brasil agrário exportador ao Brasil urbano industrial. Assim, nascia Presidente Prudente, síntese entre o estrutural e o circunstancial.

Quarenta anos depois, nessa cidade longe da metrópole e ainda considerada como uma “cidade distante no interior” do Estado de São Paulo, com todos os estereótipos que essa expressão tinha, sua juventude já iniciava a luta para que aqui se instalasse uma faculdade de filosofia.

Vivíamos um conjunto de determinações estruturais, relativas aos novos papéis que o Brasil desempenhava na divisão internacional do trabalho, no pós-guerra, e a elas se acoplava um conjunto de circunstâncias favoráveis, entre as quais se incluem as reivindicações de sua juventude e a sensibilidade do então prefeito de Presidente Prudente.

Paradoxalmente, ele que era um representante do Brasil que se pretendia superar, associado às oligarquias rurais, desempenhou papel positivo associado à posição do governo estadual que vinha sendo a de estimular o crescimento do ensino superior, quadro que favoreceu a implantação de mais um instituto isolado de ensino superior no Estado de São Paulo.

As atividades da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente tiveram início em 3 de maio de 1959, quando as aulas inaugurais dos Cursos de Geografia e de Pedagogia foram ministradas.

Nosso homenageado havia chegado alguns dias antes, em 21 de abril daquele ano. Chegou de avião, pela VASP, e foi recebido pela municipalidade como figura importante. Rapidamente, ele se integrou aos esforços para o início das aulas e participou da organização e aplicação das provas dos exames vestibulares.

Fernando Carlos Fonseca Salgado era um jovem paulistano, recém-formado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que se dispusera a vir para o interior e dar sua contribuição à implantação da nova faculdade.

Aqui começava um novo período em sua vida profissional e pessoal, que passava a se articular, de modo intenso, com a instituição que dava seus primeiros passos.

Por que o Departamento de Geografia com total aprovação da Congregação o escolhe para receber o título de professor emérito dessa instituição?

Porque não se trata apenas de um indivíduo, mas de uma personalidade. A elas, os tributos são merecidos. Quem o conhece, sabe perfeitamente do que estou falando ao usar o termo “personalidade”. Sobretudo, a quem não o conhece dirijo meus esforços de falar um pouco sobre ele.

O Professor Fernando, como nós alunos os chamávamos, sempre com todo respeito, que ele exigia e merecia, ou o Fernandão, como dele falávamos, quando a sua ausência nos permitia essa ousadia, era um professor durão. Estava, como a Professora Ruth Kunzli, nossa decana, e o Professor Marcos Alegre, que foi diretor dessa instituição, entre os mais severos do curso.

Ministrava as aulas de Geografia do Brasil e exigia de nós todo o esforço para conhecer a geografia física e a geografia humana deste enorme país.

Suas aulas nunca tinham início em menos de 20 minutos, após sua entrada pontual em sala de aula. Esse era o tempo que ele necessitava para limpar seu

cachimbo, tarefa aparentemente mais importante, do que aquela à qual ele, de fato, dedicava-se: observar-nos, verificar atentamente pelos nossos sobrenomes, ao fazer a chamada, de onde vínhamos, sempre nos perguntando por que estávamos fazendo Geografia.

Suas provas eram das mais difíceis e, no ano seguinte, lá estava uma parte da turma refazendo a disciplina. Cada gesto inadequado, cada atitude desrespeitosa, tanto quanto cada iniciativa de esforço, cada trabalho bem feito eram sempre guardados, em sua memória, formando um dossiê mental que ele ia compondo sobre cada aluno.

Na pesquisa dedicou-se aos estudos no campo da Geografia Agrária, com especial atenção para o papel da colonização italiana no Estado de São Paulo. Sua tese de doutorado sobre as colônias de Bastos e Pedrinhas expressa muito bem a influência da Geografia francesa sobre a brasileira: o cuidado com os detalhes, o apreço às conclusões sempre bem fundamentadas, a atenção dada às anotações representam, de modo muito peculiar, muito seu, uma Geografia que os tempos acelerados de hoje não nos possibilitam mais (e talvez nem nós tenhamos capacidade e perfil para ela). A *posteriori*, pensando naquela Geografia e, especialmente, na pesquisa do Prof. Fernando, podemos reconhecer a sua grande qualidade metodológica.

Sua vida de relações com a Geografia francesa complementou-se com o estágio de pós-doutorado que realizou, na década de 1970, na Universidade de Paris, Sorbonne.

Estes anos não foram, apenas, para ele e para outros da FAFI, a década das defesas de teses de doutorado e dos estágios no exterior, revelando-se o período em que a nossa autonomia intelectual começava a se instituir. Foi também um período difícil, porque marcado pela iniciativa de criação da UNESP.

A notícia deveria ser recebida com prazer, já que vislumbraria um passo a mais na autonomia institucional que a vida intelectual e universitária, portanto política, sempre deseja.

No entanto, a forma como a criação da universidade vinha sendo conduzida era traumática: implicava no fechamento de cursos, na transferência compulsória de professores e alunos e, logo em seguida, na demissão de docentes.

O Brasil vivia a ditadura militar e, ainda, um período de crescimento econômico. Havia disponibilidade orçamentária favorecendo a criação da nova instituição, mas não havia liberdade para se discutir o que ela poderia ser. Foi nesse período, a meu ver, que a personalidade do Prof. Fernando mais nos valeu.

Observador, arguto, ponderado, nem demasiadamente à esquerda e tampouco à direita, ético e extremamente afeito ao interesse público, ele reunia os elementos para se posicionar com força num quadro em que os autoritarismos se evidenciavam, não apenas os que vinham de cima, mas também dos que afloravam entre nós.

Por isso, a sua qualidade maior foi a da autoridade, sem autoritarismo; o da autoridade, mesmo sem ocupar qualquer cargo ou função entre as maiores da instituição; o da autoridade que emana da ética e do respeito ao bem público e aos direitos.

Em todas as conversas mais difíceis, nas reuniões em que as decisões mais importantes eram tomadas, durante os diálogos em que se buscavam estratégias para defender os cursos que seriam fechados na FAFI, em função da criação da universidade, Fernando falava pouco, ouvia muito, refletia e, sempre, opinava, com autoridade, procurando buscar os caminhos mais plausíveis: entre o ideal e o

possível, ficava com a posição mais ponderada, sem que isso significasse não se posicionar ou recuar para se beneficiar individualmente.

Pelos otimistas ou mais aguerridos, poderia ser interpretado como pessimista. Pelos menos afeitos à observação da história e dos direitos que os indivíduos adquirem em suas próprias trajetórias, poderia ser considerado como tradicional. Para os que queriam, apenas, resolver suas vidas, quando era necessário cuidar da vida da instituição, o olhar observador do Fernando, aquela memória-dossiê que ele sempre teve, era um óbice.

Quando era necessário ter uma voz firme na Congregação, ou mesmo depois, no período em que essa instância deixou de funcionar, nos primeiros anos da UNESP, lá estava o Prof. Fernando.

Se era preciso ir falar direto com o diretor, que era interventor, quando os departamentos eram criados ou alterados sem que os professores fossem ouvidos, quando as demissões começaram a ocorrer mais por vingança política, contra os que se posicionaram criticamente em relação à forma como se tomaram decisões sobre o fechamento dos cursos, Fernando estava entre os escolhidos para os diálogos mais desafiantes, em que o poder instituído se impunha à ordem acadêmica e a sufocava. Sua posição era sempre a da defesa da instituição e não do, então, instituído.

Foram tempos difíceis, mas superados. A UNESP implantou-se, consolidou-se, negou e superou as práticas políticas que a deram origem e Fernando deu sua contribuição à recomposição do Departamento de Geografia, o mais forte em titulação na unidade universitária, mas o mais atingido politicamente em função das posições críticas que assumira.

Fernando posicionava-se na definição do perfil dos novos professores a serem contratados, procurando contribuir para que o futuro departamento de Geografia estivesse garantido, com algum projeto mais conjunto. Foi chefe de departamento, organizava a vida do curso, num período em que não havia as coordenações da graduação.

Mantinha seu apreço pelos trabalhos de campo e pela vida acadêmica no âmbito da Geografia. Ressalte-se que havia sido dele a iniciativa de criação do Núcleo Local da Associação dos Geógrafos Brasileiros, para o que era preciso o apadrinhamento da Seção São Paulo, então, sob direção de José Ribeiro de Araújo Filho. Seus contatos com os professores da Universidade de São Paulo sempre foram valiosos para os docentes mais jovens do departamento, que então se ocupavam de fazer o mestrado e o doutorado.

Paralelamente, à sua vida profissional na antiga FAFI e, em seguida, na UNESP, a vida pessoal do Prof. Fernando também se vinculava a essa instituição. Na FAFI conheceu Suely, que era aluna do Curso de Graduação em Geografia e se tornou sua esposa. Em sua residência, eram sempre recebidos os professores mais importantes que a essa instituição vinham, com destaque para os estrangeiros que aqui estiveram em missões de trabalho. Seus filhos Shiguemi e Akemi (ou Afonso e Celeste, porque ambos têm nomes que expressam a ascendência nipo-lusitana) viveram, desde pequenos, a vida institucional e acompanharam os pais no período de permanência na França.

Poderia ficar mais um tempo, relembando traços dessa personalidade tão marcante, que hoje homenageamos com o título de Professor Emérito da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da UNESP, mas prefiro ir encerrando essa fala, destacando, apenas, mais alguns pontos

Consultando o dicionário sobre o significado do termo homenagem, lá encontramos a seguinte definição: é uma palavra que define retribuição de honra, agradecimento, para tornar público com um ato de gratidão algum favor que nos fora prestado. Trata-se de um prêmio de reconhecimento. O ato de homenagear é antigo. Desde os primórdios, as civilizações tribais pré-históricas, homenageavam com rituais seus guerreiros e os seus deuses.

Como instituição que vimos nos construindo há cinquenta anos, fazemos uma pausa em nossos tempos acelerados, bem diferentes dos tempos tribais, para refletir sobre o caminho que percorremos, bem como sobre as condições estruturais que nos possibilitaram desenhar esse caminho. Nesse ato, tributamos todos nossos agradecimentos a Fernando Carlos Fonseca Salgado e eu me sinto extremamente honrada com o fato de que as circunstâncias, de novo elas, tenham me possibilitado ser, juntamente com a Direção dessa instituição, porta-voz dessa homenagem.

*Enviado 6 de junho de 2010.
Aceito em 7 de julho de 2010.*